

V ENECULT

QUINTO ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura
27 a 29 de maio de 2009
Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil.

DEIXANDO DE LADO OS ENTRETANTOS E PARTINDO DIRETO PARA OS FINALMENTES: REPRESENTAÇÕES DE UMA BAHIA NA TELENOVELA *O BEM AMADO* DE DIAS GOMES

George Vladimir Nascimento Sales¹

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar a construção da representação da Bahia na telenovela *O bem amado* de Dias Gomes. A partir de referenciais como Renato Ortiz, Ismael Fernandes, Luiz Nova, Taiane Fernandes e Michel Foucault, a análise desenvolve reflexões sobre a criação de um determinado imaginário, da idéia de baianidade e da importância da telenovela na cultura brasileira, o que abre espaço para discussões acerca das representações dentro das narrativas literárias.

Palavras-chave: teledramaturgia; Dias Gomes; representação; baianidade.

1 A FAMOSA CENA DO TELHADO DE *GABRIELA*

Paraty, Rio de Janeiro, inverno de 2006. A quarta edição da FLIP, Festa Literária Internacional de Paraty, homenageia o ilustre escritor baiano Jorge Amado. Caminhando pelas ruas de casario da cidade, ao cabo de minha chegada, qual não é minha surpresa ao perceber que, sobre o telhado da casa que servira de locação, em 1982, ao filme, *Gabriela* de Bruno Barreto, encontra-se uma representação da notável personagem de Amado, a própria Gabriela, tentando alcançar uma pipa que estava presa neste telhado.

Em verdade, essa passagem em que Gabriela tenta alcançar uma pipa, nunca fez parte da narrativa de Amado, mas sim da telenovela *Gabriela*, inspirada no romance do escritor, protagonizada por Sonia Braga e produzida pela Rede Globo no ano de 1975. Em uma feira literária, homenageando um dos mais populares escritores brasileiros, era uma representação de cena de novela de TV que decorava as ruas da cidade. E todo o

¹ Possui graduação em Artes Cênicas – Habilitação em Interpretação Teatral, pela Universidade Federal da Bahia (1999). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Interpretação Teatral. Atualmente, é aluno do Mestrado em Letras e Linguística do Instituto de Letras da UFBA. E-mail: gvladimir@hotmail.com.

povo que circulava por Paraty, naqueles dias de agosto, seguia embevecido com a figura que relembra uma das cenas mais belas da teledramaturgia brasileira: a famosa cena do telhado de *Gabriela*.

Naquele momento dei-me conta do imenso poder que este produto áudio-visual tem na construção de um imaginário, a ponto de se impor numa feira de literatura, como uma passagem que, se não fez parte daquela narrativa literária, bem que poderia ter feito. E o que é mais curioso, se foi mesmo este o caso, passar despercebida. Depois daquela cena, só poderia me dedicar a estudar a construção de um imaginário de Bahia.

2 REPRESENTAÇÕES DA BAHIA

A Bahia sempre foi pródiga em emprestar seus encantos e contradições, suas belezas e paradoxos e todo o seu anacronismo barroco às artes em geral, através de artistas célebres como o já citado Jorge Amado, Dorival Caymmi, Glauber Rocha, Caetano Veloso, João Ubaldo Ribeiro - entre muitos – fortalecendo, muitas vezes, um determinado imaginário de Bahia, que ajudou a consolidar a idéia de baianidade.

No artigo ‘Baianidade’ da revista *Mais definições em trânsito*, Luiz Nova e Taiane Fernandes comentam que essa idéia de baianidade é utilizada para definir o “modus vivendi” dos baianos, mais especificamente, dos que nascem em Salvador ou no Recôncavo, “o conceito de baianidade representa uma imagem da Bahia, dos baianos e suas especificidades” (NOVA e FERNANDES, 2008). Esta idéia, portanto, termina por reforçar uma estilização e, por vezes, uma estereotipia de uma imagem de Bahia. A representação da Bahia e do nordeste de uma maneira geral – considerando-se as claras diferenças entre ambos - sempre esteve, de uma certa maneira, segundo Margareth Rago, no prefácio do livro *A invenção do nordeste*, de Durval Muniz de Albuquerque Jr. “associada à representação de um espaço social e afetivo investido, de inúmeros atributos morais, culturais e simbólicos” (ALBUQUERQUE, 2001, p.14) que fortalecem este estereótipo. Falar do nordeste seria, portanto,

inventariar os muitos estereótipos e mitos que emergiram com o próprio espaço físico reconhecido no mapa, composto por alguns estados e cidades. É mobilizar todo o universo de imagens negativas e positivas, socialmente reconhecidas e consagradas, que criaram a própria idéia de Nordeste. (ALBUQUERQUE, 2001, p.14).

Neste mesmo livro, Albuquerque Jr. chama a atenção para o fato de que muitas vezes, em torno do discurso que marca a representação do nordeste o que se pode encontrar é a estratégia da estereotipização:

O discurso da estereotipia é um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante (...). O estereótipo nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas em nome de semelhanças superficiais do grupo (ALBUQUERQUE, 2001, p.20).

A problemática da *mimêsis* na representação há muito desperta discussões no campo das manifestações artísticas. Segundo Compagnon, em seu *Demônio da teoria* (2003, p.97) a teoria da literatura questiona a *mimêsis* e insiste na autonomia da literatura em relação à realidade. Foucault, em *As palavras e as coisas* (1966, p.70,72), ao analisar as peregrinações de D. Quixote, comenta que ele as percorre, “sem nunca transpor as fronteiras da diferença, nem alcançar o coração da semelhança”. Aponta ainda que, “a escrita e as coisas já não se assemelham”. E destaca que, “sem a imaginação, não haveria semelhança entre as coisas.” (FOUCAULT, 1966). Ele observa, então, um duplo requisito:

por um lado, que haja nas coisas representadas o murmúrio insistente da semelhança, e, por outro lado, que haja na representação o recesso sempre possível da imaginação. (FOUCAULT, 1966, p.100).

Em relação à Bahia – e, pode-se dizer, também em relação ao nordeste - um potente imaginário ganha força na representação, seja na literatura, na música, no teatro ou no áudio-visual, para além dos embates à cerca da semelhança ou da diferença, alicerçado na idéia de baianidade, muitas vezes pelas mãos de artistas consagrados pelo público ou pela crítica especializada. Não seria diferente, portanto, com o maior veículo de comunicação de massa existente, a televisão, e em se tratando de Brasil, com aquele que de longe é o seu produto mais popular e reconhecido, a telenovela.

3 A TELENVELA E A REPRESENTAÇÃO

A telenovela brasileira, ao buscar, na década de 1970, uma valorização artística à sua produção, também se valeu do universo nordestino para ambientar muitas de suas narrativas. Em seu livro *Telenovela, história e produção*, Renato Ortiz destaca o então “definitivo abraqueiramento do gênero” (ORTIZ, 1988, p. 88). Ressalta ainda neste

período a chegada à equipe de criação, de intelectuais e artistas consagrados no teatro, como o do escritor baiano Dias Gomes:

Talvez o exemplo mais marcante deste processo gradativo de incorporação seja o de Dias Gomes, (...). A partir daí temos um escritor que, no interior do gênero procura se diferenciar como antinovelístico. Em suas histórias circulam temáticas como: ‘o preconceito de cor, coronelismo, (...)’. (ORTIZ, 1988, p.93).

O Imaginário da Bahia, do nordeste brasileiro e a cultura popular chegam à telenovela, pelas mãos de Dias Gomes. Em sua trajetória de teledramaturgo, são muitas as suas narrativas que têm a Bahia como cenário, a primeira delas foi a telenovela *Verão Vermelho* de 1970 que, também, foi a primeira assinada por ele como Dias Gomes – em sua novela anterior, *A ponte dos suspiros*, utilizou o pseudônimo de Stela Calderón – seguiram-se *O bem amado* de 1973, a versão de 1975 de *Roque Santeiro*, que não foi exibida por proibição da censura federal do regime militar - a versão que foi ao ar em 1985 optou por não mencionar em que estado brasileiro se passava a história – *Saramandaia*, 1976; e as minisséries *O pagador de promessas*, 1988; *O fim do mundo*, 1995; e *Dona Flor e seus dois maridos*, inspirada no romance de Jorge Amado de 1998; todas elas produzidas pela Rede Globo de televisão. Dentre estas obras de Gomes, produzidas para a televisão, merece destaque a telenovela *O bem amado*, inspirada em peça teatral de mesmo título escrita pelo próprio Gomes, em 1962.

O bem amado, primeira novela produzida em cores no Brasil, é um dos maiores sucessos televisivos de público e crítica até hoje, um dos grandes marcos da teledramaturgia nacional, imortalizando-se na memória de muitos brasileiros, tendo se transformado em seriado de televisão sete anos mais tarde. Encontra-se, ainda, neste momento, em fase de produção uma adaptação para o cinema, com estréia prevista para o segundo semestre de 2009. A novela é uma sátira política ambientada na fictícia Sucupira, uma cidadezinha de veraneio do interior da Bahia que serve, em verdade, de uma espécie de microcosmo de Brasil em tempos de ditadura militar.

4 PASSANDO PARA OS FINALMENTES

Inspirada em um fato real ocorrido numa pequena cidade do interior do Espírito Santo, *O bem amado* narra a trajetória de Odorico Paraguaçu, o bem amado do título. Prefeito de Sucupira, cidade litorânea do recôncavo baiano, o Coronel Odorico elegeu-se com a promessa de inaugurar o primeiro cemitério da cidade, uma vez que os mortos

de Sucupira eram obrigados a serem enterrados fora dali. De seu lado, estão suas correligionárias políticas, as Irmãs Cajazeiras, Dorotéia, a Dodô, Dulcinéia, a Dudu, e Judicéia, a Juju. Na oposição, o dentista Lulu Gouveia e o jornalista Neco Pedreira, representante da imprensa, que Odorico classificava de “marronzista, minada por idéias vermelhicas e ruborizantes”. No caminho de Odorico, muitas vezes prejudicando suas manobras políticas e seus interesses, estão ainda, sua inimiga pública número um, a delegada de polícia Donana Medrado, e o recém-chegado Juarez Leão, um abnegado médico, salvador de vidas. O problema de Sucupira é que ninguém morre; e Odorico vê frustrada a sua promessa de inaugurar o prometido cemitério.

O prefeito decide então, trazer de volta pra Sucupira, um filho da cidade, Zeca Diabo, ex-cangaceiro, matador de aluguel, de quem a fama corre solta, por todo o nordeste. Um assassino profissional é tudo que Sucupira precisava neste momento para ter enfim o seu tão esperado morto. Odorico vê em Zeca Diabo, a possibilidade mais concreta de se fazer uma vítima fatal para a inauguração de sua obra. À medida que se desenrola essa narrativa, Gomes tece uma ácida crítica á realidade brasileira, marcada pela repressão, pela desigualdade social, e pelo poder arbitrário.

É justamente a telenovela *O bem amado*, o objeto de estudo escolhido para esta pesquisa, que tem como objetivo final a elaboração de uma dissertação de mestrado para o Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia. Para tanto, será analisada a versão compacta em trinta capítulos da novela – originalmente foi exibida em 178 capítulos - editada pela própria emissora e com o aval do autor, apresentada pela rede Globo no ano de 1980 em comemoração ao seu aniversário de 15 anos.

A questão-problema que se coloca aqui é, de que maneira se dá então a representação da Bahia na telenovela *O bem amado*, escrita por Dias Gomes; considerando-se os elementos característicos de baianidade, presentes na narrativa do autor.

5 DIAS GOMES E A REPRESENTAÇÃO DA BAHIA

Diante de seu grande poder de alcance enquanto produto de uma indústria cultural, as telenovelas que retratam a Bahia em suas narrativas ficcionais, contribuem para a formação de uma imagem de Bahia, muitas vezes, estilizada e, até mesmo, estereotipada, que é difundida para todo o Brasil. Pode-se, portanto, inferir a hipótese de

que, a Bahia que o Brasil conhece, através das telenovelas da Rede Globo de televisão, é na verdade um imaginário de Bahia fruído a partir de suas tantas representações, e teria, desta maneira, na criação literária de Dias Gomes para a televisão, sobretudo com a telenovela *O bem amado*, uma de suas mais significativas contribuições.

Esta pesquisa tem como seu objetivo geral identificar como se dá, nesta narrativa, a representação identitária da Bahia, a partir de uma análise crítica, na telenovela *O bem amado*, de Dias Gomes.

Em seus objetivos específicos a pesquisa pretende analisar no cenário da referida telenovela, a fictícia cidade de Sucupira, os elementos mais característicos, utilizados pelo autor, na construção de um imaginário de Bahia, ou até mesmo de um estereótipo de baianidade, na representação da Bahia através de Sucupira. Pretende também identificar ainda sob o viés analítico, dentre os personagens centrais da trama de Dias Gomes, aqueles que mais contribuam - pelas suas características mais determinantes e mais evidenciadas - na construção deste imaginário (ou deste estereótipo), nesta representação. Para tanto foram escolhidos os seguintes personagens: O Coronel Odorico Paraguaçu, as irmãs Cajazeiras, Zeca Diabo, o secretário de Odorico, Dirceu Borboleta, a delegada Donana Medrado, o Dr. Juarez Leão, o oposicionista Lulu Gouveia, e Zelão das Asas, humilde pescador que desejava construir asas para voar.

É importante verificar nos aspectos sóciopolíticos e culturais presentes na narrativa, quais os que mais colaboram dentro desta representação, na formação de uma identidade tipificada de Bahia - recorrentes na representação da Bahia e do nordeste na literatura - como, por exemplo, o coronelismo, representado pela figura do prefeito Odorico; o misticismo religioso, simbolizado pelo padre e suas beatas, as irmãs Cajazeiras - no dizer de Odorico, donzelas praticantes - o cangaço através do matador Zeca Diabo; e a intensa sensualidade sexualizada que permeia toda a trama, seja pelo próprio Odorico, um típico cafajeste sedutor, ou, paradoxalmente, pelas irmãs Cajazeiras, entre sua falsa pudicícia e seu erotismo latente.

Observa-se que, a partir da década de 1970, do século XX, a telenovela brasileira revelou-se um grande fenômeno de cultura de massa, no Brasil, levando para o grande público da televisão entretenimento, aliado à busca constante de uma identidade artística. Já na década seguinte, este fenômeno passou a despertar um crescente interesse da crítica especializada, bem como da pesquisa científica que, aos poucos, se debruçou sobre este tema, analisando-o sob a ótica da *mass media* que a telenovela representa e na influência deste fenômeno na cultura brasileira e seus efeitos.

Entretanto, a dramaturgia televisiva (a literatura dramática escrita especialmente para ser exibida através da televisão), uma das grandes responsáveis por este fenômeno, ainda não recebeu do estudo acadêmico e científico uma suficiente atenção a estas obras enquanto produção narrativa.

Dentre estas obras, pode-se destacar a importante colaboração do autor baiano Dias Gomes, responsável pela criação de alguns dos maiores sucessos da teledramaturgia brasileira. É através da obra de Dias Gomes, com suas telenovelas ambientadas na Bahia, a exemplo de *O bem amado*, objeto de estudo desta pesquisa, que a cultura popular nordestina chega à teledramaturgia, trazendo toda a riqueza *sui generis* do “modo de vida” típico do povo nordestino e seus costumes à grande massa que se debruça diante da televisão. Este autor, que tem sua obra teatral reverenciada e constantemente estudada pela crítica e pela pesquisa científica, ainda não teve a sua dramaturgia televisiva convenientemente abordada pelo universo acadêmico, valorizando o aspecto da criação narrativa.

Através da análise crítica da telenovela *O bem amado*, apresenta-se a possibilidade de trazer ao contexto acadêmico um estudo da significativa produção teledramatúrgica do escritor baiano, e de sua contribuição na construção de um imaginário de Bahia.

Para além da contribuição que esta pesquisa pode trazer ao universo acadêmico e científico, ela pretende ser, também, uma homenagem a este que é, sem sombra de dúvidas, um dos maiores nomes da criação literária brasileira; que, neste ano de 2009, completa dez anos de falecimento; escritor consagrado nos palcos e nos livros, que não se furtou a emprestar seu talento e sua verve criativa ao universo cercado de preconceitos da televisão, sempre driblando os sistemas estabelecidos e reinventando os modelos e as normas da escrita televisiva; um inventor de tipos memoráveis, para sempre na lembrança e no imaginário do Brasil; um cidadão sempre alerta à problemática social e política do Brasil; intelectual contestador e inquieto que, na sua própria opinião, era apenas um subversivo; ele mesmo o autor da frase que melhor o representaria: “quem não veio ao mundo pra incomodar, não devia ter vindo”.

E dando início a esta aventura que promete ser este mergulho no universo de *O bem amado*, convido a todos – Como diria Odorico Paraguaçu, deixemos de lado os entretantos e partamos para os finais, Abram alas pra Sucupira passar!

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. *Indústria cultural e sociedade*. Trad. Julia Elizabeth Levy. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

ALENCAR, Mauro. *A Hollywood brasileira*. Rio de Janeiro, SENAC, 2002.

BRAUNE, Bia (org.). *Almanaque da TV*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

DEFLEUR, Melvin L. e BALL-ROKEACH, Sandra. *Teorias da comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ECO, Umberto. *A obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. Trad. Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva, 2007.

FERNANDES, Ismael. *Telenovela brasileira: memória*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FILHO, Daniel. *Antes que me esqueçam*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

FILHO, Daniel. *O circo eletrônico: fazendo TV no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1966.

MATTELART, Armand e MATTELART, Michelle. *O carnaval das imagens: a ficção na TV*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

NOVA, Luiz e FERNANDES, Taiane. Baianidade, *Mais definições em trânsito*, Salvador. Disponível em <<http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/BAIANIDADE.pdf>>. Acesso em: 20 jul 08.

ORTIZ, Renato (org.). *Telenovela: história e produção*. São Paulo: Brasiliense. 1988.

PALLOTTINI, Renata. *Dramaturgia de televisão*. São Paulo: Moderna, 1998.

SOUTO MAIOR, Marcel (org.). *Almanaque TV Globo*. Rio de Janeiro: Globo, 2006.

SOUZA, Maria Carmem Jacob de. *Telenovela e representação social*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2004.

TÁVOLA, Arthur da. *A telenovela brasileira: análise e conteúdo*. São Paulo: Globo, 1996.